

# UMA CENA DE FAUSTO[1]

– ALEKSANDR PÚCHKIN

TRADUÇÃO POR JOAQUIM FERREIRA MENDES NETO

*À margem do mar. Fausto e Mefistófeles.*

FAUSTO

Estou entediado, Demônio.

MEFISTÓFELES

Que fazer, Fausto?

Eis você metido em seu limite,

E dele ninguém ultrapassa.

Toda criatura sã está entediada:

Uma de preguiça, outra de trabalho

Quem acredita, quem perdeu a fé.

Aquela que a fartura não alcançou,

E a outra que já muito se esbaldou.

Cada uma boceja, e vive –

E bocejando o caixão os espera.

Boceje você também.

FAUSTO

Conversa!

Encontre-me alguma maneira

de dissipá-lo.

MEFISTÓFELES

Esteja satisfeito

Com a evidência da razão.

Anote em seu álbum:

*Fastidium est quies* – tédio.

O descanso da alma.

Sou psicólogo... eis a ciência!

Diga, quando não esteve entediado?

Pense, procure. Pois aqui...

Quando adormecia sobre Virgílio,

E as bétulas excitavam sua mente?

[1] PÚCHKIN, Aleksandr. Cena из Фауста. Disponível em <<https://www.culture.ru/poems/4772/scena-iz-fausta>>.

Então, com rosas você coroava  
 De alegria as graciosas donzelas,  
 Cuja conduta estridente se dedicou,  
 Pelo ímpeto da ressaca vespertina?  
 Ou então, quando mergulhou  
 Em sonhos generosos,  
 No abismo negro das ciências?  
 Mas – eu me lembro – quando pelo tédio,  
 Como Arlequim, vindo do fogo,  
 Você finalmente me chamou.  
 Eu, o demônio mesquinho, serpenteei  
 Esforçando-me para alegrá-lo,  
 Levei-o a bruxas e a espíritos,  
 E para quê? Por uma bagatela.  
 Desejava glória – alcançou,  
 Queria se apaixonar – se apaixonou.  
 Da vida sacou os melhores débitos,  
 Mas era feliz?

FAUSTO

Chega!

Não irrite minhas úlceras com enigmas.  
 Na ciência profunda não há vida.  
 Amaldiçoei a falsa luz do conhecimento,  
 A glória... seu brilho casual,  
 Ardiloso. A honra mundana  
 Sem sentido, como num sonho... mas há  
 Benefício direto: a combinação  
 Das duas almas.

MEFISTÓFELES

E há o primeiro encontro,  
 Não há? E seria possível saber  
 Se é Margarida aquela  
 Que prefere lembrar?

FAUSTO

Ó sol milagroso!  
 Ó chama pura do amor!  
 Lá, lá – onde a sombra, onde o farfalhar das folhas,  
 Onde o jato do doce som  
 Lá, no gracioso seio  
 Com a cabeça em repouso,

MEFISTÓFELES

Pelos céus!

Você delira, Fausto, essa é a verdade!

Com indulgente lembrança

Você se engana.

Não fui eu com meus esforços

Quem proporcionou o milagre da beleza?

E à meia-noite profunda

Eu a trouxe para você? Pois então,

Com os frutos do meu trabalho,

Divertindo-me como um mortal,

Como vocês dois – eu me lembro de tudo.

Quando sua beleza

Estava plena, em êxtase,

Você, com a alma inquieta,

Imergia em pensamentos

(E nós provamos a você

Que meditações são a semente do tédio).

E saberia dizer, meu filósofo,

O que você pensava então,

Quando ninguém tinha em mente?

Devo contar?

FAUSTO

Diga. E então?

MEFISTÓFELES

Você pensava: meu cordeiro obediente!

Com avidez ansiei por você!

Com astúcia desejei uma donzela singela

Devaneios de um coração indignado!

O amor espontâneo, sem interesse.

Inocente, ela entregou...

Por que ainda meu peito está cheio

De angústia e do tédio odioso?

Em sacrifício ao meu capricho

Contemplo-a, intoxicado de prazer,

Com desgosto insuperável:

Eis do nada a imprevisível tolice,

E empenhado em um ato mau,

No bosque jaz um pobre-diabo,

O corpo abatido, esfolado –

E na beleza corrupta,

Rapidamente saciado,

A libertinagem espeita, assustada...  
Depois de tudo isso  
Você tirou uma conclusão.

FAUSTO  
Suma, criatura dos infernos!  
Para longe dos meus olhos!

MEFISTÓFELES  
Acalme-se. Dê-me mais alguma tarefa:  
Ocioso, você sabe, à sua volta  
Atrevo-me a ficar.  
Não há tempo a perder à toa.

FAUSTO  
O que vem lá? Diga.

MEFISTÓFELES  
Um navio espanhol de três mastros,  
Com destino certo à Holanda:  
Trezentos rufiões a bordo,  
Dois macacos, baús de ouro,  
E não menos caro chocolate,  
Além de uma doença dos nossos dias  
Já contraída por você.

FAUSTO  
Afogue tudo.

MEFISTÓFELES  
Agora.

(desaparece).

**ALEKSANDR PÚCHKIN** (1799-1837) — Considerado o iniciador da literatura moderna russa. O primeiro de uma geração de autores que se apropriou da cena europeia à época, Púchkin foi responsável pela criação de uma linguagem literária, sem perder de vista uma preocupação com a forma e com temas elevados. A separação de estilos do classicismo, que Erich Auerbach identifica como ausente na Rússia, possibilitou que o sublime encontrasse espaço na ironia ou na tragédia de pessoas comuns na obra do autor que iluminaria diversos caminhos para a literatura do século XIX e XX.

**JOAQUIM FERREIRA MENDES NETO** — Graduado em Português e Russo pela Universidade de São Paulo. Atualmente, é mestrando no programa de Literatura Comparada do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, na mesma universidade.